

RESILIÊNCIA COMO PROCESSO: ESTUDO NA PERSPECTIVA DE EDUCADORES

Leila Estevão da Silva

Faculdade de Psicologia
Centro de Ciências da Vida
leila.estevao@gmail.com

Raquel Souza Lobo Guzzo

Grupo: Avaliação e Intervenção Psicossocial:
Prevenção, Comunidade e Libertação
Faculdade de Psicologia
Centro de Ciências da Vida
rguzzo@mpc.com.br

Resumo: *Este trabalho tem por objetivo identificar, segundo visão de educadores, características de resiliência em crianças e identificar indicadores de risco e proteção na escola conforme visão dos mesmos. O constructo da Resiliência faz referência à pessoas que conseguem viver bem, mesmo passando por dificuldades. Para compreender este constructo como processo, tem que entender o homem como um ser ativo, social e histórico e, considera a sociedade como produção histórica do homem e como material. É de extrema importância compreender a realidade brasileira na percepção de educadores para entender o constructo de resiliência como processo e os conceitos envolvidos. Os participantes foram educadores de crianças de uma creche. Foram utilizados dois instrumentos, o primeiro contendo uma pergunta disparadora e o segundo um questionário roteiro como norteador das entrevistas completas. Para a análise foi utilizado o método qualitativo. Este trabalho teve como resultados em relação ao primeiro instrumento que de uma maneira geral, os educadores relacionam o constructo de resiliência com crianças pobres, felizes e que tem um bom desempenho nas atividades de sala, ou seja, consideram aspectos individuais se relacionando com aspectos materiais. Já em relação ao segundo instrumento foi verificado que ambas são negras, moram na comunidade da qual a escola faz parte e que conhecem as famílias da maior parte das crianças. A maneira que cada educadora se relaciona com a comunidade varia. Sendo uma mais ativa e participante e outra mais passiva. Além disso foram verificadas várias questões que prejudicam o desenvolvimento das crianças como por exemplo, a precariedade nos vasos sanitários, a falta de brinquedos, muito mato e a falta da participação da comunidade na escola. Como indicadores de proteção foi verificado alimentação saudável, parceria entre Educadores e pais e o fato dos profissionais serem bem treinados e conseguirem*

descobrir problemas.

Palavras-chave: contexto escolar; resiliência; indicativo risco/proteção.

Área do Conhecimento: *Psicologia – Psicologia Social Comunitária - CNPq*

1. INTRODUÇÃO

O estudo da resiliência será estruturado em quatro eixos para melhor organização e para representar a mudança de ponto de vista do trabalho anterior. O primeiro corresponde à compreensão do constructo de resiliência como *processo* e a concepção de homem e de mundo utilizada no presente trabalho. O segundo eixo se refere ao constructo de resiliência em uma perspectiva crítica, o terceiro diz respeito a uma reflexão sobre indicadores de risco e proteção, e por último o contexto educacional (por estar inserida neste contexto). No primeiro eixo pode-se pensar sobre o constructo de Resiliência como processo, pois este é considerado como tal uma vez que se tem uma concepção de ser humano ativo, social e histórico, e uma concepção dialética de mundo [2]. Pois não está sendo considerado o constructo como estável, imutável e fixo. Principalmente porque os conceitos que estão envolvidos neste constructo são visto de forma dinâmica, nada mais coerente com a concepção de mundo e de homem adotada. Os indicadores de risco e proteção se relacionam de forma dialética (contraditória) construindo e contribuindo para a compreensão de Resiliência como processo. Resumindo, quando falo de Resiliência como processo estou considerando este constructo em uma perspectiva dialética onde o mesmo está em movimento. Ao contrário de outras concepções que consideram este constructo como constitutivo, fixo e imutável. O segundo eixo, além de reflexões críticas sobre o mesmo, discorre sobre o histórico da constructo de resiliência. O surgimento do constructo se deu na engenharia e na física em 1807 com o

Thomas Young, que trouxe este conceito mais especificamente da elasticidade, definindo como a capacidade de compressão e tensão de barras, ou seja, a máxima força que um corpo pode agüentar antes de sofrer deformações [12]. Ou seja, era um valor fixo que poderia ser medido a partir de uma fórmula e por isso, trouxe influências na maneira de pensar o constructo no campo psicológico, e exatamente por isso, faz-se necessário a explicação de como o constructo está sendo utilizado no decorrer deste trabalho. Este constructo no campo psicológico surgiu na década de 1970 nos Estados Unidos [4], mas autores afirmam que este ainda está em construção (no Brasil) principalmente quando se compara definições do dicionário brasileiro com o dicionário americano [10]. Além disso, em um primeiro momento, o conceito era utilizado como algo absoluto (como um traço) e agora está sendo pensado como algo relativo, especialmente se for considerar o constructo de resiliência como processo (uma vez que as diferenças individuais e ambientais modificam tal processo). O fato de o constructo estar em construção como afirmado anteriormente [10], mostra como ele ainda é recente no país e a enorme confusão a cerca do mesmo. Pois, as pesquisas não explicam a maneira como o mesmo é considerado, e isso traz problemas epistemológicos [5]. Vários autores [6] [7] [8] [12] definem resiliência utilizando a palavra “adaptação”. Não gosto da utilização deste termo, pois quando se pensa em adaptação subentende que está adaptado à alguma coisa, não tem um caráter processual e dialético do constructo. O terceiro eixo apresenta a definição de fator de risco como um termo usado para expressar condições adversas que ocorrem na vida do indivíduo que, por sua vez, podem afetar seu desenvolvimento. E fator de proteção, como situações positivas que acontecem na vida do indivíduo, fazendo com que este se defenda das adversidades tendo assim um desenvolvimento desejável [11]. Ao se pensar o constructo de resiliência como processo, não como um traço de personalidade estável e fixo, faz-se necessário a utilização de indicadores para tal compreensão. O quarto eixo reflete a realidade brasileira, a partir da categoria desigualdade social que influencia a vida das pessoas e também do sistema educacional, uma vez que a escola se espelha justamente neste sistema (capitalismo) [3]. E para contribuir ainda mais com o sistema, a educação no Brasil, na maioria das vezes, não permite a conscientização do indivíduo e por isso desenvolve uma educação domesticadora [1].

2. OBJETIVOS

Identificar, segundo visão dos educadores, características de resiliência em crianças; e identificar indicadores de risco e proteção na escola conforme visão dos educadores.

3. MÉTODO

A escolha pelo método qualitativo deu-se pelo seu caráter dinâmico, uma vez que existe um diálogo entre Educador/pesquisadora. Foram realizadas entrevistas com Educadores, o que favoreceu uma maior interação entre os mesmos, além de mostrar uma realidade específica verificando que cada pessoa é singular. Com o diálogo pode permitir que o Educador faça reflexões, críticas, podendo por tanto, revelar o que realmente pensa. Com isso, o Educador não é apenas objeto da pesquisa, mas é principalmente sujeito e ativo [9]. E para coerência do trabalho, em relação à concepção de homem e de mundo adotada, foi considerado o materialismo histórico e dialético. Como o próprio nome já diz, está baseada em três concepções: Materialista, Dialética e Histórica. A materialista considera que a realidade material tem existência independente em relação a idéias. A dialética considera a contradição como essencial para tudo que existe. E a concepção histórica em que a mesma tem que ser analisada a partir da realidade concreta e não das idéias. Este método valoriza o movimento, ou seja, a individualidade se relaciona com a totalidade, assim como a totalidade se relacionam com a individualidade de forma dialética.

3.1. Participantes

Seis educadores de crianças com faixa etária entre um e quatro anos de idade, que trabalham em uma escola da rede municipal, sendo que, apenas duas destes seis educadores o tema foi aprofundado com entrevistas completas.

3.2. Material

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido sendo esse assinado pelo educador, confirmando assim, sua participação nesta pesquisa. Foi utilizado dois instrumentos. O primeiro foi uma pergunta disparadora para os seis educadores. E o segundo foi um Questionário-Roteiro para as entrevistas individuais completas, realizadas com dois educadores, contendo informações sobre os mesmos, a família dos alunos e a relação entre educador/criança.

3.3. Procedimento

Foi apresentado o constructo de resiliência para 24 educadores com o objetivo de propiciar uma discussão com os mesmos. A partir da apresentação, 6 educadores quiseram participar do presente estudo e para isso, foi explicado para eles

os objetivos, método, procedimento da pesquisa e apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado. Para estes educadores foi feita a seguinte pergunta disparadora: “você acha que tem alguma criança resiliente na sua sala e por quê?”. Dos seis educadores, dois deles quiseram se aprofundar no tema e por isso, foram realizadas entrevistas individuais completas utilizando o Questionário-Roteiro como norteador das mesmas.

4. RESULTADOS

4.1. Procedimento de Análise

Para a análise e discussão dos dados foram utilizados entrevistas, a pergunta disparadora e anotações de campo que serviram como referência para este estudo. E a partir da leitura detalhada de todo o material foi feito recortes das falas dos Educadores e a partir daí, foi criado um grande tema: características de resiliência. Para refletir sobre este grande tema, foi utilizado duas metodologias diferentes. A primeira foi construída a partir do discurso dos 6 educadores, fazendo reflexão e análise da pergunta disparadora. Já a segunda foi pensada a partir das entrevistas completas das duas educadoras que quiseram se aprofundar no tema. Para pensar no constructo de resiliência em uma amplitude, esta segunda metodologia (entrevistas completas) foram subdivididas em três sub-categorias: vida do educador, indicadores de risco e indicadores de proteção. Para isso, foi utilizado um método que relaciona a singularidade com a totalidade e a totalidade com a singularidade, é importante relacionar as sub-categorias com o todo de uma forma dialética.

4.2. Discussão

As entrevistas completas foram gravadas e transcritas para manter a integridade do discurso. Foi analisado uma categoria: “Características de Resiliência” a partir de dois instrumentos diferentes. O primeiro diz respeito a uma pergunta disparadora realizada com 6 educadores, que a partir desta, foi feito reflexões e analisado o discurso dos mesmos. Com este instrumento foi verificado que de uma maneira geral, os educadores relacionam este constructo com crianças pobres, felizes e que tem um bom desempenho nas atividades de sala, ou seja, considera aspectos individuais se relacionando com aspectos materiais (externos). Uma exceção a esta caracterização diz respeito a um Educador, uma vez que não considera a pobreza e muito menos a alegria ou felicidade da criança, mas sim características como: ativo, persistente e batalhador. Por tanto, pode-se dizer que este educador analisa o

constructo de resiliência como características de personalidade não levando em consideração a relação destas com o meio material. O segundo instrumento utilizado foi entrevistas individuais completas com objetivo de aprofundar no tema. Dos 6 educadores iniciais, apenas duas quiseram intensificar a reflexão sobre este constructo. Para uma compreensão mais precisa, foi levado em consideração 3 sub-categorias: “Vida do Educador”, “Indicadores de Risco” e “indicadores de Proteção”. Em relação à primeira sub-categoria foi identificado os principais dados das Educadoras. Foi verificado que ambas são negras, moram na comunidade da qual a escola faz parte e que conhecem as famílias da maior parte das crianças. A maneira que cada educadora se relaciona com a comunidade varia. Sendo uma mais ativa e participante e outra mais passiva. Em relação à segunda sub-categoria foi verificado vários questões que prejudicam o desenvolvimento das crianças como por exemplo, a precariedade nos vasos sanitários, a falta de brinquedos, muito mato e a falta da participação da comunidade na escola. E por último, em relação à terceira sub-categoria foi verificada que as educadoras apontam principalmente: alimentação saudável, parceria entre Educadores e pais e o fato dos profissionais serem bem treinados e conseguirem descobrir problemas. Cada Educador tem uma experiência em relação às situações e resignificam de uma maneira particular. Isso mostra a importância de se considerar este aspecto e de levar em conta a mudança e o processo. Pode-se concluir que os educadores que participaram deste presente trabalho valorizam o constructo de resiliência. Segundo relato dos mesmos foi verificado que eles têm uma compreensão do constructo. A maior parte deles consideram as questões internas se relacionando com as externas, e apenas um educador considera só questões internas como características de personalidade. Apesar desta distinção, parece que todos os educadores consideram o caráter dinâmico e processual do constructo além de valorizarem seu papel enquanto promotores de desenvolvimento e, portanto, de resiliência. Juntamente com estas questões, foi verificado a proximidade dos educadores em relação às crianças, conhecem praticamente todas as famílias das mesmas. Como os educadores moram na comunidade, alguns relatam que em sua rua também moram algumas crianças da escola ou da sua sala. É de extrema importância a compreensão do constructo de Resiliência para fazer reflexões mais profundas sobre os seres humanos e para entender como que mesmo passando por inúmeras dificuldades, algumas pessoas conseguem superá-

las sem que seu desenvolvimento seja atrapalhado. Em relação a este constructo, não se tem muitas publicações no Brasil o que mostra uma necessidade de estudo e aprofundamento. Este estudo contribui para uma melhor compreensão do ser humano e de suas demandas de vida.

AGRADECIMENTO

Financiamento da bolsa do atual trabalho, PIBIC/CNPq.

REFERÊNCIAS

- [1] Freire, P. (1978). *Ação Cultural para Liberdade e outros escritos*. Ed. Paz e terra., p.149. Vol. 10. RJ.
- [2] Fromm, E. (1975). Conceito Marxista do Homem. *A Natureza do Homem*. (p.34-49). ed. 6. Ed. Zahar.
- [3] Guzzo, R. (2005). Psicologia Escolar e Compromisso Social. In Martinez, A (Org.), *Escola Amordaçada: Compromisso do Psicólogo com esse Contexto*. (pp.17-29). Ed. Alínea. Campinas.
- [4] Machado, E. (2004). *Risco e proteção: busca por uma compreensão não-linear desse constructos*. Dissertação de mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- [5] Libório, R. M. C.; Castro, B. M. & Coelho, A. E. L. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção. M (Org), *Desafios Metodológicos para a Pesquisa em Resiliência: Conceitos e Reflexões Críticas*. (pp.89-115). Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- [6] Lindström, B. (2001). Vol. 2, nº 3. *O Significado de Resiliência*. Porto Alegre. Recuperado em 21 setembro 2006, da Adolescência Latinoamerica: [\[adolec.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302001000300006&lng=es&nrm=iso\]\(http://adolec.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302001000300006&lng=es&nrm=iso\)](http://ral-</p></div><div data-bbox=)

- [7] Paludo S. & Koller S. H. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção. M (Org), *Psicologia Positiva, Emoções e Resiliência*. (pp.45-56). Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- [8] Poletto M. & Koller S. H. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção. M (Org), *Resiliencia: uma Perspectiva Conceitual e Histórica*. (pp.19-44). Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- [9] Rey, F. L. G. (1998). Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social. *Psicología e Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 32-52.
- [10] Santos, L. L. & Dell' Aglio, D. D. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção. M (Org), *Constituição de Moradas nas Ruas como Processos de Resiliência em Adolescentes*. (pp.203-231). Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- [11] Trombeta, L. & Guzzo, R. (2002). *Enfrentando o Cotidiano Adverso: Estudo Sobre Resiliência em Adolescentes*. Ed. Alínea. Campinas.
- [12] Yunes, M. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco e Proteção. M (Org), *Psicologia Positiva e Resiliência: Foco no Indivíduo e na Família*. (pp. 28-48). Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo.